

# MARXISMO E GEOGRAFIA: PAISAGEM E ESPAÇO GEOGRÁFICO – UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENTENDIMENTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Alexandre Domingues RIBAS<sup>1</sup>*  
*Dirceu Evaldo Pereira dos SANTOS<sup>2</sup>*  
*Júlio César RIBEIRO<sup>3</sup>*  
*Marcos Timóteo Rodrigues de SOUZA<sup>4</sup>*

*“O capital descobriu o espaço geográfico. Resta saber quando descobrirão os que se opõem a sua ditadura” (Ruy Moreira).*

## *1. Apresentação*

Esse texto trata de questões teórico-conceituais que nortearam o mini-curso por nós proferido no ano de 1998, na Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNESP), campus de Presidente Prudente, atinente à disciplina Prática de Ensino, ministrada pelo Prof. Cláudio Benito Oliveira Ferraz. Seu desenvolvimento efetivar-se-á na interface e intercomplementaridade do Marxismo e Geografia, expresso em seu próprio conteúdo, a partir de duas categorias caras ao pensamento geográfico, talvez por isso mesmo muito se cogite em serem essas o substrato basilar à edificação teórica que comporia sua espinha dorsal, sendo estas: *paisagem e espaço geográfico*.

Cabe ressaltar que o grupo entende como contribuição maior o fato do método materialista histórico-dialético calcado nas abordagens de Marx em sua busca pelo entendimento da unidade do diverso, da totalidade do concreto, possibilitar-nos apreender o processo social de reprodução

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Bacharelado em Geografia da FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente.

<sup>3</sup> Mestrando em Geografia na FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente.

<sup>4</sup> Licenciado em Geografia na FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente.

existencial, material e imaterial da sociedade, abstraindo-o do contexto em que se encontra, ou seja, da realidade concreta socialmente (re)produzida num dado momento histórico. Haja vista que esse procedimento possibilita-nos entender as contradições inerentes aos fenômenos e, além disso, proporciona um entendimento do todo (global) e da parte (local) do fato, não apenas discutindo o fenômeno pelo fenômeno, mas sim apontando/desvendando a relação de unidade subjacente e, muitas vezes, obscura, objetivando com isso a (re)construção de um entendimento teórico dos fatos que ao mesmo tempo possam ser contrapostos e verificados na/prática.

Podemos afirmar que outra relevância do tema estende-se para a necessidade de contribuirmos e repensarmos o ensino de Geografia, repensarmos conceitos e produzirmos uma "rede de linguagem" que seja capaz não apenas de levar ao aluno, de forma pronta e acabada, conceitos geográficos, mas que capacite-os, paralelamente, à construção de conhecimentos pelo desenvolvimento de seu próprio potencial crítico e analítico, solapando a concepção produzida (pela mídia e pelos livros didáticos) de uma Geografia esquemática, pragmática, meramente descritiva e em que o aluno é tratado apenas como um receptáculo de informações que, em grande medida, possuem apenas um significado técnico, social e político voltado apenas aos interesses hegemônicos do capital.

*"Quando, por exemplo, a partir da 5ª série o aluno toma contato com uma outra possibilidade de entendimento do que seja a geografia, a sua sensação é de incredulidade, pois aquilo entra em contradição com o que até então ele tinha tomado contato. É fundamental, portanto, transcender essa noção 'popular' de geografia, ao mesmo tempo em que exorcizamos também a sua vinculação exclusivamente 'conteudística'. Se devemos pensar em objetivos, algumas coisas devem ser previamente estabelecidas"* (Pereira, 1995, p. 68).

## 2. Introdução

As reflexões e as discussões coletivas do grupo tiveram como base inicial de debates as carências teóricas da Geografia e sua insuficiente capacidade (podendo cair em generalizações) de criar uma linguagem que lhe propicie explicitar seu significado prático, social e político. As carências

se dão, primeiramente, pelas tradições do nosso ensino fundamental e médio, em que o nosso modo de compreender o mundo é construído a partir de um pensamento lógico-formal<sup>2</sup>, o que significa dizer que o ensino de Geografia esteve e ainda se encontra assentado em leis da razão lógica (físico-matemática), sendo esta uma faceta intrínseca à lógica de hegemonização das relações capitalistas de produção e, por consequência, de alienação do sujeito. O conteúdo de Geografia em grande parte e em todos os níveis (fundamental, médio e superior) restringe-se a meras descrições-memorização e constatações empíricas simplistas (decorar capitais, nomes de rios etc.), o que traz como consequência uma des(re)alfabetização política e, por conseguinte, geográfica, que privilegia crescentemente fatores técnico-profissionalizantes e mercadológicos (a busca pelo cada vez mais escasso emprego), que em grande medida desviam-se da importância maior: criar uma consciência social, nos indivíduos, da lógica social de organização territorial.

O texto versa sobre uma primeira verticalização teórico-conceitual atinente à contribuição marxista para a compreensão e entendimento do espaço geográfico e da paisagem, categorias de fundamental importância para a confecção de uma leitura do movimento contraditório do mundo contemporâneo.

A importância desse feito dá-se pelo fato de os geógrafos apropriarem-se de conceitos de outras ciências, sem maiores reflexões e preocupações com estes, o que acabou gerando um arcabouço conceitual eclético sem qualquer objetividade político-social e de potencialidade reflexiva-geográfica.

*"Nossa preocupação é com o espaço geográfico que podemos considerar, no seu sentido mais geral, como o espaço da atividade humana, desde o espaço arquitetural, numa escala mais baixa, até a escala de toda a superfície da terra. Um outro significado mais específico do espaço geográfico aparecerá à medida em que a análise se desenvolver. O ponto importante é distinguir espaço geográfico dos muitos outros significados e tratamentos de espaço"* (Smith, 1988, p. 110).

Este é o nosso maior desafio, realizar um exercício teórico-conceitual utilizando ferramentas filosóficas que superem o ensinamento lógico-formal enraizado sob a lógica de uma determinada concepção e reprodução (material e ideológica) de mundo. Quando falamos em

2 Para uma compreensão maior da Geografia tradicional e sua carga positivista persistente ainda nos dias de hoje nos bancos escolares, ver: Rocha, 1996.

superação, entendemos que a produção científica que temos atualmente deve ser repensada e/ou criticada, isto nos remete à compreensão do mundo atual e à “modernização” dos conceitos. Superar não é sinônimo de esquecimento. É, antes de mais nada, estar na vanguarda científica, redefinindo teórico-conceitualmente, em pensamento portanto, o movimento contraditório do real concreto, socialmente produzido.

Dessa forma, tendo como referência as entrevistas realizadas (inerentes à metodologia do trabalho) com alguns profissionais em Geografia (Ruy Moreira, Douglas Santos, Henz Dieter Heidemann, Márcio Teixeira, Armem Mamigonian, Eliseu Savério Spósito, Maria Encarnação Beltrão Spósito e Adler Guilherme Viadana)<sup>3</sup>, a realização de uma série de leituras dirigidas, colóquios com o professor responsável e discussões em grupo, objetivamos dimensionar uma sistematização que vise explicitar “como estamos pensando e entendendo” os conceitos de **espaço geográfico** e **paisagem** e, concomitantemente, expressar uma compreensão da contribuição do pensamento marxista para a realização de tal exercício.

### 3. *A necessidade da construção de uma rede de linguagem geográfica.*

Situados num mundo cuja discrepância e contraditoriedade são frutos de um movimento e de uma dinâmica social da qual participamos e reproduzimos, cômicos ou não, encontramos-nos em meio a um turbilhão de significados, símbolos e mitos os quais internalizamos (apossando-os ou por “eles” sendo possuídos/dominados) e a partir dos quais passamos a projetar “nossa” percepção do presente.

Estabelecer como meta a necessidade da (re)edificação do entendimento do real significa transpor em pensamento o discurso concreto e

<sup>3</sup> Sendo que o teor dessas entrevistas era calcado numa tentativa de problematização que visava discutir e captar o posicionamento de tais professores no que tange às concepções referentes aos conceitos de paisagem e espaço geográfico e no que se refere à contribuição marxista para a compreensão destes, além de que as entrevistas contribuíram para a sistematização das discussões e conteúdos que até então estávamos trabalhando. Faz-se necessário ressaltar que esses professores foram elencados por meio de uma avaliação e julgamento prévios da possibilidade de diferencialidade de visão, tratamento conceitual e posicionamento político e intelectual (marxista ou não) destes, já que tivemos contato com sua linha de produção de muitas formas (em sala de aula, através de textos etc.).

desatualizado que não mais dá conta de explicar a realidade presente. Significa *por na ordem do dia*, nossa interpretação que pretende ser o mais fiel possível às circunstâncias e fatos do real.

O mesmo deve ser pensado em relação à Geografia, pois ao se objetivar compreender a lógica das transformações sócio-territoriais, efetuadas por meio do trabalho, que se torna assim o agente, por excelência, remodelador do conteúdo, valores e função social das ações e objetos geográficos (territorialmente ordenados) em determinado momento histórico (Santos, 1996a), busca-se, simultaneamente, criar um conhecimento teórico e científico que possibilite construir um entendimento condizente com a realidade, que possa servir – uma vez expostos/dispostos aos agentes sociais em questão – de meios que levem a uma *localização* teórica da função assumida nesse contexto espaço-temporal (im)posto, deixando em aberto a potencialidade e necessidade de sua reformulação, vendo-se assim, como sujeito histórico revolucionário.

A linguagem é uma forma de entendimento, interpretação e representação do mundo pelos sujeitos histórico-concretos. Sua transmissão pela comunicação se dá de muitas formas:

- Fala: forma oral mais comumente empregada na comunicação dos sujeitos, sendo de grande peso às trocas de experiência e às reformulações do próprio entendimento e representações do real, já que o significado das palavras expressam a identidade formal do conteúdo, atribuída pelos sujeitos aos objetos; e como a função dos objetos mudam com o tempo – e com os valores e objetivos da sociedade que os produzem e/ou apropriam –, a própria representação e significado linguístico/interpretativo sofrem constantes reformulações;

- Mapas: seleção e representação, por exemplo: na carta, dos dados e informações abstraídas do real; sendo pois, um signo que pode tanto esclarecer, como esconder determinados aspectos da realidade, atuando assim como um veículo e instrumento de dominação social (Lacoste, 1997);

- Escrita: o raio de alcance, nesse caso, da linguagem, estende-se para além dos limites e contatos corporais;

- Música: Nesta mensagem e significado das letras que contemplam, informam e retratam uma realidade construída pelo modo de produção histórico-cultural local e global, tem no ritmo e na harmonia as simbologias da sociedade de uma época;

- Quadros: expressão artística espaço-temporal que caracteriza, na forma de pintura, a sensibilidade do sujeito que captou e retratou o seu tempo histórico-social;

- Poesia: explanação em prosa ou verso, de forma simétrica ou não, da subjetividade e do entendimento efetuado pelo sujeito, via seus objetivos, posicionamento e preocupação política em uma dada época; etc.

As transformações históricas advindas da dinâmica social exigem a própria redefinição e reavaliação dos conceitos e das concepções estabelecidas (desatualizadas), pois acreditamos, assim, como Gonçalves, que:

*"A construção de sentidos é, necessariamente, um processo social no qual a linguagem, em si mesma re-presentação, tem um papel instituinte de uma dada ordem social. É através da linguagem que os seres humanos se comunicam, se ligam, isto é, criam um mundo, seu-mundo em comum. Há uma evidente relação entre linguagem e comunicação que põe em relevo a dimensão espacial, geográfica, dos processos de organização societária"* (1996, p. 9-10).

Em nosso trabalho ressaltamos a necessidade da superação dos conceitos de *paisagem* e *espaço geográfico* por uma ótica marxista, sendo que sua expressão e exposição exige novas formas de linguagem, isto é, colocar possibilidades renovadas de ensino-aprendizagem, dos significados do mundo atual, para os alunos. Contemplando nossos objetivos Rocha diz o seguinte:

*"O nosso momento histórico está a exigir a emergência de GEÓGRAFOS-EDUCADORES, ou seja, profissionais dotados de um conhecimento técnico-científico sólido sobre a ciência geográfica, e capazes de pensar e implementar um projeto político-pedagógico comprometido com a construção do novo, mas de um novo voltado para a conquista e consolidação de uma ordem política econômica social cultural que atenda os interesses populares"* (1996, p. 184).

#### 4. Paisagem e espaço: um exercício teórico-conceitual

Partimos da idéia de que no processo de movimento e (re)construção do pensamento, este organiza-se por meio dos conceitos, ou seja, os conceitos expressam-se como instrumentos teórico-filosóficos para a elaboração, compreensão e organização do movimento contraditório do concreto em pensamento e do pensamento do movimento contraditório do real concreto. Dessa forma é o conceito que permite ao pensamento realizar-

se enquanto discurso<sup>4</sup>, já que o conceito, conforme vimos, comporta, de forma sistemática, o entendimento e identificação/representação do real, transmitida enquanto linguagem. O que ocorre é que:

*"A forma clássica do discurso geográfico é aquela para a qual 'a Geografia é a ciência que estuda a relação homem-meio'. Velha, é a definição eternamente do dia. Mesmo quando achamos que a superamos, como hoje em que o discurso é o da 'ciência da organização do espaço pelo homem', é dela que estamos tratando. E não deixa de haver razão nisso: é ela o eixo geral da evolução da humanidade. O que está em questão, sempre, é o nosso modo de pensá-la"* (Moreira, 1988, p.15).

Na busca por uma conceitualização que fosse a identidade formal, explicitadora e reveladora de um conteúdo que não se constituísse, ao mesmo tempo, numa armadura que visasse mascarar a realidade na tentativa de se ter uma suposta *eterna resposta*, atentamo-nos para que o rigor na conceitualização não se torne um rigor conceitual (já acabado), haja vista que o próprio método dialético comprovado/contraposto na especificidade dos processos históricos demonstram que os conteúdos mudam de feição e para não se prender a uma designação/conceitualização/roupagem que relate apenas o aparente, tem-se que averiguar o seu processo e apreender a sua dinâmica. Portanto, os conceitos são produtos que devem ser historicamente contextualizados, pois a linguagem e o seu sentido também são mutáveis no tempo e na sociedade que os engendram. Dessa forma, cada roupagem conceitual deve ser entendida no próprio processo em que é tecida. Acreditamos que é de fundamental importância nos preocuparmos com a base metodológica para construirmos o discurso. E este (discurso) deve necessariamente exibir claramente os conceitos nele contido, estes conceitos serão expressos na

<sup>4</sup> Em entrevista realizada com o Prof. Hanz Dieter Heidmann, docente do curso de Geografia da USP, percebeu-se a sua discordância com relação a importância e necessidade do rigor conceitual para a organização do pensamento e interpretação da realidade. Este entende que para a compreensão e transformação da realidade a discussão conceitual é secundária, sendo para este, de fundamental importância, lutar contra o capital, defendendo, no nosso modo de entender, uma visão holística da realidade. Discordamos em partes do Prof. Hanz Dietter, já que compreendemos o rigor conceitual como instrumento teórico-metodológico para o entendimento e ação prática na realidade, pois o exercício conceitual e a práxis revolucionária podem "caminhar" numa unidade dialética.

forma de linguagem, sendo que é pela linguagem que explicitamos nosso entendimento e estruturamos nosso pensamento para compreendermos a lógica do movimento da sociedade contemporânea. Dentre as formas de linguagem já apresentadas, ressaltamos a cartográfica, pelo fato de que acabou por solapar o próprio discurso geográfico, transformando este em uma linguagem técnica, por meio da representação, de padronização do espaço geográfico, que visava atender a lógica de "homogeneização" e hegemonização do espaço pelo capital.

*"A cartografia levou consigo o arsenal vocabular e esvaziou lingüisticamente a Geografia. Em consequência, a forma ficou sem conteúdo e o conteúdo sem forma. Um desencontro geral. Com esse esvaziamento radical de seus vocábulos, a Geografia entra em crise e acelerada decadência."* (Morcira, 1.995, p. 10).

A paisagem geográfica é a primeira maneira para compreendermos a aparência, para enfim, chegarmos/atingirmos a essência. O espaço geográfico está "contido" na paisagem. Acreditamos que a Geografia deva trabalhar dialeticamente no entendimento das transformações paisagísticas para que se compreenda a "amplitude" do espaço geográfico, isto é, compreender a totalidade das ações/relações dos agentes sociais que fazem parte do processo de produção do espaço.

Assim, os conceitos de paisagem e espaço geográfico permitem a elaboração/produção/organização do pensamento voltado para a elaboração de uma "leitura" geográfica da totalidade social, sendo tais conceitos filosóficos de fundamental importância para a compreensão e explicação do mundo contemporâneo, quicá a sua transformação, já que os conceitos comportam, implicitamente, uma determinada visão de mundo. Sendo assim, portanto, conforme Albert Einstein, "... necessário cada vez mais lançar-se à crítica desses conceitos fundamentais, para que não possamos ser inconscientemente governado por eles" (apud. Smith, 1988, p. 109), ou por aqueles que o (re)formulam, pois entendemos, assim como Ruy Moreira, que "a geografia serve para desvendar as máscaras sociais".

#### 4.1. A herança secular

A forma como se concebe e se entende os conceitos em pauta está intrinsecamente relacionada à concepções de mundo, já que a produção do conhecimento e, por conseguinte, sua instrumentalização (significação social) está "subordinada" a uma concepção de sociedade inerente à sua

estrutura de classe. Secularmente a compreensão dos conceitos de paisagem e de espaço geográfico foram condicionados/imbricados a uma visão paradigmática (físico-mecânica), originalmente organizada pela classe dominante européia, cristalizada entre o Renascimento e o Iluminismo, na qual o mundo é entendido como uma totalidade (soma das partes, desconectadas entre si e que compunham o todo) físico-mecânica regida pelas leis da matemática, sendo os seus objetos fragmentos que se conectam naturalmente num tempo/espaço geométricos<sup>5</sup>. Na seara dessa visão geometrizada e positiva de mundo-história, a paisagem é concebida por meio de uma sensibilidade perceptível que materializa-se diante de nós enquanto hegemonia da concepção inerente ao paradigma newtoniano-cartesiano, fundada no empirismo simplista, captando o aspecto da fisicidade dos fenômenos, deixando escapar seus elementos e relações constituintes. Dessa forma:

*"Considerada em si mesma, a paisagem é apenas uma abstração, apesar de sua concretude como coisa material. Sua realidade é histórica e lhe advém de sua associação com o espaço social"* (Santos, 1996b, p. 87).

A paisagem seria (tal concepção ainda hoje persiste) entendida como uma materialidade concreta-empirista cujos objetos/fragmentos expressam um movimento físico-mecânico, cuja somatória (e não síntese) é um espaço geometricamente totalizado. Um exemplo da propagação desse paradigma newtoniano-cartesiano no campo geográfico é percebida na crítica de Yves Lacoste a Vidal de La Blache, quando este tratava da paisagem enquanto forma estática e superficial, garantindo nessas afirmações um caráter apenas descritivo para a Geografia. Lacoste afirma: "... ele banuiu, em suas descrições, tudo que decorre da evolução econômica e social recente, de fato, tudo que tinha menos de um século e trazia os efeitos da 'revolução industrial'" (Lacoste, 1997, p. 60). Críticas também proferidas por outros autores, como Ruy Moreira, que citava/criticava Vidal de La Blache ao conceber a Geografia como sendo "uma ciência dos lugares e não dos homens" conferindo-lhe apenas um caráter territorial, que a descrição geográfica parte da idéia de que arrumar a organização geográfica de um lugar é fazê-la a partir de uma base topográfica..." (Moreira, 1993, p. 5). Todavia, tal linha de argumentação/concepção ainda se faz muito presente no meio científico-geográfico, principalmente, revestida na idéia e defesa de um ecletismo teórico-metodológico, um certo pluralismo teórico, o que vem,

<sup>5</sup> Mais detalhes, ver: Moreira, 1993.

ou pelo menos deveria, frutificar uma diversidade de debates e discussões acerca da temática<sup>6</sup>.

O espaço geográfico por sua vez seria concebido como um "palco", um receptáculo de armazenagem de ações fragmentárias composta pela tríade "homem x natureza x sociedade" que configurar-se-ia enquanto geometrização: conjunto de fragmentos regidos por leis/pressupostos físico-matemáticos, independentes de suas determinações/condições histórico-concretas.

Essa é a herança secular do pensamento geográfico. Eis o "paradigma" positivista que, no século XIX, no qual o homem, a natureza e a história: elementos cuja existência está na não-existencialidade conjunta (síntese) da totalidade social<sup>7</sup>.

A base teórica e política desse paradigma expressa que o capital realmente descobrira o espaço geográfico, já que esse esquema/padrão de interpretação compromete-se diretamente com um determinado projeto de (re)construção de mundo. Eis a tarefa que aqui encetamos: como pensar o espaço geográfico e a paisagem superando a herança paradigmática newtoniana-cartesiana enraizada secularmente?

#### 4.2. A essência e a aparência

Os conceitos de paisagem e espaço geográfico devem ser compreendidos no bojo de uma espiral de conceitos. Nesse momento do texto objetiva-se fornecer o esboço de um instrumental teórico-conceitual e filosófico visando explicitar o entendimento dos conceitos em pauta a partir das categorias **essência e aparência**. O objetivo não é discutir as categorias, acima mencionadas, em si, mas dimensionar a possibilidade de vislumbramos o entendimento dos conceitos de paisagem e espaço

<sup>6</sup> Esse fato foi constatado em uma das entrevistas realizadas (inerentes a metodologia do trabalho) com o Prof. Márcio Antonio Teixeira, docente do curso de Geografia da FCT/ UNESP, campus de Presidente Prudente/SP, no dia 08/06/98, no qual este defende a idéia de que a Geografia é uma ciência de síntese (herança kantiana), sendo que: "a paisagem é tudo, ela é uma síntese, tudo é relativizado em relação a alguma coisa". Nesta afirmação corre-se o risco da análise ficar somente na paisagem por ela mesma.

<sup>7</sup> Não vamos aprofundar de forma prolixa nesse paradigma e na particularidade de cada um dos autores citados, sendo nosso objetivo expressar a contribuição/herança dessa concepção de mundo para a Geografia e, por conseguinte, para a compreensão dos conceitos em pauta.

geográfico tendo como arcabouço o referencial teórico-metodológico proposto.

Assim, compreendemos a paisagem e o espaço geográfico como dimensões imbricadas ao processo dialético do pensamento no movimento incessante de entender e desvendar a realidade em sua essência; sendo a paisagem a manifestação da dimensão perceptível do arranjo sócio-espacial, na relação dialética sujeito-objeto e, por conseguinte, o espaço geográfico entendido como lógica do movimento que explicita o ordenamento do fenômeno em sua forma observável. Poderíamos dizer que a paisagem relaciona-se à aparência do movimento (aparência não só no sentido da objetividade do fenômeno, mas no próprio movimento do pensamento formal do sujeito, ou seja, relação dialética sujeito-objeto); enquanto que o espaço geográfico refere-se à essência do movimento da totalidade social ou o exercício do pensamento dialético do movimento da "coisa em si" (Kosik, 1995).

A dimensão aparente (o captar e o manifestar imediato das formas no movimento) deve ser compreendida no bojo da "pseudoconcreticidade" (Kosik, 1995), isto é, uma determinada "práxis fetichizada"/utilitária, oriunda do pensamento e da prática no cotidiano das relações efêmeras, capta, enquanto prática senso-perceptível, a expressão fenomênica das "coisas", ou seja, o aparente reificado, transmutando-a em unidade padronizada e uniformizada, presentes, muitas vezes, também, nas próprias instituições escolares. Dessa forma, o movimento do pensamento conseqüente da dinâmica de tal práxis capta e fixa o aparente/fenomênico, sendo uma dimensão da essência, da "coisa em si", mas, em determinados momentos, pode representar e expressar seu próprio inverso.

Assim, no cotidiano as pessoas tendem, por meio de uma "práxis fetichizada" (que é contrária à práxis crítico-revolucionária) a fixar aquilo que é mais imediato, aquilo que é, enquanto vislumbre do pensamento, o aspecto formal e aparente do movimento da totalidade concreta/social. Com isso, pode-se afirmar que o aparente não está apenas no objeto ou nas objetificações ao qual o movimento assume formas, mas na relação dialética sujeito x objeto, no qual a prática perceptível do sujeito fixa e reproduz, por meio das estruturas formais do pensamento, a dimensão/manifestação fenomênica da realidade.

A paisagem, nesse trabalho, é compreendida na linha desse pensamento, como um nível de compreensão e abstração da totalidade social. Sendo pois, momento e expressão fenomênica fixada por meio da "prática" da percepção do sujeito em contato com as formas observáveis

criadas por si mesmo nas mais diferentes épocas (ou relações sociais de produção); como a própria "realização" histórica efêmera e parcial do sujeito envolvido nas "paredes" de uma práxis calcada no fetiche e na alienação, que nessa medida, desapercivelmente, acaba por domar ou adestrar sua potencialidade e perceptividade, tornando-o escravo de sua própria criação, que, assim, ao ser apropriada de antemão pelos sujeitos sociais que detêm a posse dos meios de produção, ficam (inconscientemente) dominados pelos sujeitos sociais hegemônicos que comandam o processo da lógica de reprodução da estrutura econômico-social. A função da alienação é então perceptível:

*"Pois está claro que, baseado nesta premissa, quanto mais o trabalhador se desgasta no trabalho tanto mais poderoso se torna o mundo de objetos por ele criado em face dele mesmo, tanto mais pobre se torna a sua vida interior, e tanto menor ele se pertence a si mesmo"* (Fromm, 1983, p. 91).

A paisagem enquanto expressão transtemporal e objetificação da produção humana comporta, na sua essência, a manifestação de um movimento de reprodução social desigual que contém, num mesmo tempo, múltiplas expressões de um movimento determinado pelo trabalho<sup>8</sup>. Uma mesma paisagem pode ter um prisma de interpretações, o que reforça e evidencia a idéia de que a paisagem não é meramente a expressão da "coisa objetiva", mas o captar do movimento de um pensamento formal da própria "coisa objetiva". Vale ressaltar que o exercício prático perceptível do sujeito e o fixar o aparente não são momentos e processos do indivíduo em si, mas sim produtos e fetiches das relações histórico-concretas e ideológicas da sociedade.

O espaço geográfico é compreendido como a essência e conteúdo (da função) do movimento contraditório da totalidade social, expressa e individualizada por intermédio de suas manifestações (fenomênicas) em lugares geográficos peculiares (desagregados, mas não desarticulados). Ou seja, a lógica da contradição do movimento de reprodução social explicita uma configuração territorial que só se torna possível de ser apreendida se se

<sup>8</sup> "A paisagem existe, através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual" (Santos, 1996, p. 84).

<sup>9</sup> Ver Kosik, 1995.

considerar a necessidade pela busca da compreensão do significado do conteúdo das formas aparentes, que comportam assim o conteúdo social da organização espacial. Se a paisagem é a dimensão aparente e expressão fenomênica do movimento da sociedade, o espaço é a essência do movimento do que até então se configurava como aparente.

Compreender o espaço geográfico significa superar a "pseudoconcreticidade" (mundo fetichizado, reificado, consolidado na (re)criação ideológica de uma prática individualista, formal e cotidiana)<sup>9</sup>, apreendendo os processos que evidenciam e explicitam a essência do movimento de (re)produção real da totalidade social, que num nível "subordinado" de desenvolvimento do pensamento manifesta-se como o aparente imediato. O espaço geográfico não é geométrico, não é "palco", não é forma, mas sim relação dialética forma x conteúdo, continuidade x descontinuidade, construção x desconstrução, é a sociedade (re)produzindo e (re)definindo as funções das/nas formas concretas num determinado tempo histórico, é a historicidade da natureza do homem e da humanização da natureza territorializada.

A essência e a aparência não se negam, pois a aparência é uma dimensão da essência, um momento de sua manifestação, enquanto que a essência só pode ser compreendida por meio da dimensão que se manifesta como forma aparente. A paisagem, por conseguinte, é uma dimensão do espaço geográfico, um momento/nível de compreensão e expressão deste, enquanto que o espaço geográfico só pode ser compreendido a partir da manifestação e percepção paisagística.

Atingir a essência é um processo de movimento e consolidação do pensamento dialético, tendo como base intrínseca a materialização de uma práxis crítico-revolucionária. A essência e a aparência da totalidade não se apresentam meramente na fisicidade das coisas/objetos, mas como movimento de um pensamento capaz de romper com o mundo da pseudoconcreticidade, visando, por meio da historicização das relações concretas de (re)produção da totalidade social, compreender e transformar a realidade, num devir histórico, dialético, uma possibilidade concreta imbricada à própria essência da contradição.

Com isso, partindo da expressão paisagística podemos compreender o ordenamento territorial da sociedade<sup>10</sup>, por meio de sua difusão em

<sup>10</sup> Todavia, alguns cientistas, dentre os quais Maria Ecarneção Beltrão Sposito, docente do curso de Geografia da FCT/UNESP, campus de P. Prudente, afirma não

lugares, sendo que a compreensão desses lugares expressa-se como um movimento de abstração e relações em rede, ou seja, o lugar só pode ser compreendido na rede de determinações gerais da totalidade social, isto é, na essência do movimento contraditório da sociedade, ou então, para “finalizar”, por meio do entendimento do espaço geográfico.

#### 4.3. A tentativa de conceitualização

Por acreditarmos, também, na necessidade de aprofundamento e formulação de questões teóricas norteadoras que levem a uma transformação social, cada vez mais premente de verticalização acerca de conceitos (paisagem e espaço geográfico) para uma maior compreensão dos processos sociais gerais das formações econômico-sociais contemporâneas, é que defendemos que resta/falta aos geógrafos “... pôr os pés no seu próprio chão e, então, propor uma teoria do espaço, que seja uma teoria social” (Moreira, 1980, p. 34).

Partimos da idéia de que a Geografia se expressa enquanto organização do pensamento voltada à análise dialética do processo de ordenamento sócio-espacial, sendo sua natureza o trabalho social, que na atual sociedade capitalista tem como essência a luta de classes: condição histórica concreta e intrínseca ao processo social geral das formações econômico-sociais. Consideramos que a Geografia visa compreender o movimento contraditório da totalidade social, por meio de sua espacialidade diferencial/localizada, cuja manifestação inicial/primária é a dimensão perceptível-paisagística.

Assim, o espaço geográfico deve ser compreendido como um elemento/estrutura do processo de produção social e do controle da sociedade; como condição, consequência e síntese do próprio movimento da totalidade social e não um mero “palco” de ações aleatórias, refletidas nas análises de sistemas, cuja unicidade seria um movimento mecânico e quantitativo. Sendo compreendido como um conjunto de objetos e processos (movimento contraditório) historicamente determinados, em que a essência é o movimento da totalidade social (síntese e soma/interação das “partes” e sua pluridimensionalidade), calcada no trabalho social (físico e mental), imbricada à relação dialética “natureza/homem/história”.

---

utilizar da metodologia de partir, necessariamente, de forma consciente, da paisagem para desvendar a essência do real, dizendo captá-lo no seu próprio movimento.

Entendemos que essa aparente “triade” nada mais é que um processo contraditório determinado pela própria sociedade em sua unidade diversa. A natureza-homem é a expressão diferenciada de um mesmo elemento “desenvolvido”, na especificidade de suas dinâmicas, ao longo de um processo histórico de auto-transformação pelo trabalho social.

Sendo que o trabalho social historicamente (re)constituído reveste-se na alienação dos próprios homens em suas relações. Assim, a contradição filosófico-tradicional homem x natureza nada mais é do que a própria contradição homem x homem, primeiro porque o homem é a própria natureza, a expressão da natureza em um tempo histórico e, em segundo lugar, porque a contradição existente se dá em suas próprias relações, imbricadas à estrutura de classes e às estruturas ideológicas que permeiam uma determinada formação econômico-social, na qual o modo capitalista de produção tem como essência a relação dialética entre produção-distribuição-troca-consumo e controle de instituições e de relações de classe.

Dessa forma, o espaço geográfico é a própria síntese da totalidade social, que tem na essência o processo de reprodução social/concreta. E o real concreto não é apenas o real visível, provado/comprovado materialmente, mas refere-se também ao imaterial, ao invisível: as idéias, valores, ideologias, atos/ações, que podem não estar presentes materialmente sob formas ou objetos espaciais, pois o concreto o é também em pensamento, em representações, já que:

*“O concreto pensado não é o concreto real caótico inicialmente captado pela intuição e pela representação, mas a unidade do diverso, a sistematização de múltiplas abstrações unilaterais previamente refinadas e elaboradas a partir da intuição empírica. Marx insiste que o ponto de partida do processo cognoscitivo está no concreto real. Assim, o conhecimento percorre escalas necessárias do intuitivo empírico ao abstrato e deste ao concreto pensado que retorna, enquanto totalidade de múltiplas determinações, ao concreto real”<sup>11</sup>.*

Assim, existe uma diferencialidade fundamental entre o espaço geográfico e o espaço físico, pois este último deve ser compreendido como uma condição necessária para a realização do movimento de reprodução da existência social concreta, ou seja, condição concreta do arranjo espacial. Dessa maneira, toda formulação voltada para a propagação e defesa de uma suposta “Geografia Física”, que estuda um “espaço físico”, torna-se

---

<sup>11</sup> Ver: Marx, 1982 (Introdução de Jacob Gorender).

desconexa com o próprio movimento de reprodução sócio-espacial  
Segundo Ruy Moreira:

*“Tem-se assim o conceito de espaço geográfico como a unidade que resulta da combinação das categorias da distribuição e localização pela ação coabitante do homem. Unidade da diversidade. Uma unidade de contrários... Apesar da insistência de Brunhes na questão do espaço como movimento, a noção consagrada foi a da Geografia como localização. A noção do olhar fixo. E foi essa ênfase excessiva dada à localização que nos faz perder a percepção de que a Geografia é movimento”* (Moreira, 1995, p. 5-7).

Como o espaço geográfico é compreendido como a própria condição e expressão do movimento contraditório de uma totalidade econômico-social e, por conseguinte, formado por objetos e processos/movimento/ações, a manifestação da espacialidade da sociedade, por meio da dimensão perceptível aparente, é o que estamos entendendo por paisagem, sendo, portanto, a dimensão senso-perceptível do próprio concreto pensado. A paisagem é então a expressão aparente do movimento da lógica da totalidade social e, por extensão, do espaço geográfico, sendo, portanto, um recorte aparente, um momento do processo de compreensão da totalidade, do espaço geográfico, este entendido como o movimento que explica a aparência manifesta, ou seja, a paisagem. Segundo Pereira:

*“...o espaço é uma categoria da essencialidade, enquanto que a paisagem identifica a aparência. Assim, o espaço identifica o conjunto de movimentos que constróem o real, ou seja, o conjunto de determinações que nos permite compreender os movimentos pelo qual o real se apresenta (como paisagem) na forma observada. Paisagem é, portanto, uma categoria subordinada ao espaço e deve ser entendida como um dos elementos de sua determinação na medida em que, como arranjo visível passa a exercer um papel inercial no conjunto das demais determinações sem que, no entanto, possamos afirmar que a análise da paisagem seja suficiente para a compreensão do espaço”* (1989, p. 5).

Para exemplificarmos o exercício teórico até aqui trabalhado vamos utilizar a televisão: um instrumento ideológico e mercadológico que expressa, por meio desta forma de linguagem codificada particular, a especificidade de organização do modo de produção do recorte histórico atual. A televisão nos fornece paisagens fragmentadas por meio da dimensão

sensorio-perceptível, o movimento e/ou lógica aparente da sociedade, mas a televisão e seu funcionamento só podem ser compreendidos a partir do entendimento do movimento contraditório da totalidade que explica aquela forma que então se manifesta em seu aspecto aparente. Mas, ao mesmo tempo, essa forma aparente se apresenta como um nível e momento de compreensão da totalidade econômico-social e, por extensão, do espaço geográfico. Os homens da mídia – homens geralmente pertencentes ou aliados à classe hegemônica – exploram os fatos reais e os distorcem. Esta distorção é legalizada pela burocracia e pela falsa democracia. Os apontamentos dos tele-jornais colocam o que é “certo” ou “errado”, por parâmetros específicos de uma realidade ou ótica da classe dominante (valores burgueses). Os poderes Jurídico, Legislativo e Executivo, fornecem ou impõe à sociedade os padrões do contrato social, estabelecendo assim a falsa democracia, geradora da funcionalidade de uma realidade oculta.

A paisagem, conceito utilizado amplamente na Geografia, é considerado como essencial a qualquer abordagem e análise científica sobre o real. Tal consideração parte do fato de que – mesmo no senso-comum – a concepção imperante, referente a esse tema, relaciona-se ao concreto-empírico, ou seja, com aquilo que é visível ao sujeito observador. Não obstante, nesse caso, tal concepção, muitas vezes arbitrária, cai nos erros de considerar somente como paisagem o que é visível, como se fora um retrato da paisagem – nesse aspecto com ou sem os homens (caso da Geografia Tradicional que não incluía o ser humano como ou em seus objetos de estudo). Outro erro reside no fato de se relacionar a paisagem apenas como uma manifestação do real cuja concretude é identificada e confundida apenas com a fisicidade do fenômeno.

Portanto, a paisagem, enquanto o entorno senso-perceptivelmente internalizado pelo sujeito, é um veículo, ou melhor, o portador de uma organização cujo ordenamento e coerência latente interna é o fator originário, talvez primordial, da própria feição e constituição assumida. Por isso, por detrás da aparência formal assumida, encontra-se uma lógica social muitas vezes invisível e alienante que esconde as razões de sua constituição, os fatores para tal e a chave às reformulações. A materialidade, confundida geralmente como paisagem, esconde assim a imaterialidade de idéias que são – também – (im)postas, que são, portanto, também componentes dessa paisagem, embora visivelmente (a visão aqui erroneamente considerada como único componente do sistema sensorio identificador da paisagem) assim não se apresente.

Se a paisagem é identificada nas formas, cujas características são moldadas historicamente por um processo social, em que a dinâmica ultimamente tem se acelerado (reformulando constantemente o que acaba de ser formulado), correm os geógrafos o sério risco de, ao se prenderem ao empiricamente perceptível, deixar escapar pelos vãos dos seus dedos os referenciais expressos no movimento que em cada momento e, em cada lugar, assumem uma forma, uma conotação, uma paisagem, que por interesse da classe hegemônica que cria/difunde seu significado, estende aos demais sujeitos a concepção de mundo e entendimento dos fatos que quer que esses assumam "para si", inconscientemente, alienadamente, reproduzindo a lógica que os dominam e a qual se quer imaginam existir. Um "entendimento" calcado apenas na aparência dos fatos leva à fragmentação da compreensão dos objetos e dos atos que os geram e do contexto em que são gerados, pois a aparência só tem sentido no interior do homem. Contudo, esse sentido aparente, superficial, internalizado por "determinados" homens (alienados), nada mais é que a *prática utilitária* da qual nos fala Kosik (1995).

Por ser o substrato e uma "rampa de lançamento" para o início das indagações/questionamentos, por permitir justamente se partir do concreto físico-empírico e particular em estudo, a paisagem deve também ser compreendida, antes de mais nada, como uma síntese de combinações múltiplas explicitadas quase sempre pela manifestação epidérmica (físico-aparente) que, contudo, é insuficiente para revelar a complexidade processual e espacial, oculta e intrínseca a si.

Dessa forma, a paisagem e o espaço geográfico não se excluem, sendo, pois, momentos/níveis de um mesmo processo de percepção, elaboração e compreensão da totalidade e "*A única forma de desvendarmos a espacialidade é desvendarmos as leis de funcionamento da sociedade que geram a espacialidade em questão*" (Pereira, 1989, p. 126). O espaço geográfico e a paisagem são dimensões do movimento da sociedade, assim a essência que explicita a lógica do ordenamento espacial da sociedade é a essência do próprio movimento histórico-concreto contraditório da sociedade. O processo de entendimento da espacialidade é a busca, na compreensão da manifestação territorial de um pensamento hegemônico, da sua essência, pois o ordenamento territorial e as relações de poder a este imbricadas denotam da (in)capacidade de entendimento e intervenção do sujeito social-histórico. Assim, o espaço é hegemonicamente apropriado/reproduzido segundo a lógica sócio-política e ideológica de um

determinado tempo histórico, sendo tal apropriação manifestada na dimensão única/diferencial (mas não desarticulada) dos lugares, produzidos por intermédio do trabalho social dos inseridos, mas, predominantemente, alienados a essa lógica, sendo o território a manifestação do poder expresso, poder este que ao se impor e se apropriar dos lugares, concomitantemente, impõe-se, subjuga e se apropria dos sujeitos sociais nestes inseridos, os quais desse processo/lógica/pensamento hegemônico, são alienados. Reforçando esse pensamento, Douglas Santos afirma que:

*"O tempo é o tempo-trabalho, e o espaço é o espaço apropriado, isto é, o espaço é a dimensão do movimento assumindo formas. Cada momento histórico seria uma apropriação dos lugares. A essência da paisagem é a espacialização dela; sendo a paisagem não representativa e sim participativa, há uma aparência na paisagem: a interpretação do real. A localização de determinados fenômenos possui sempre um significado para alguém, há relações locacionais, nelas contidas relações de poder. A distribuição territorial é o exercício do poder: estatal e privado, as localizações permitem explicar as contradições. O espaço geográfico é a ação humana na natureza, em técnica e divisão do trabalho. O trabalho é a natureza em movimento"*<sup>12</sup>.

Para exemplificar a citação supracitada, escolhemos o cotidiano comum de muitas salas de aula, em especial do curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente. Nelas, geralmente, os alunos se vêm na qualidade de estudantes e pretendentes a geógrafos somente no período compreendido e correspondente a sua permanência em sala de aula. Esse é o entendimento e representação que possuem e fazem; sendo esta não apenas sua representação do que seja ser aluno-geógrafo, mas sua participação efetiva enquanto tal que os tornam participantes e cooptadores, nessa instituição local estatal, da lógica mercadológica de reprodução de significados sociais que acabam por envolvê-los/dominá-los e do qual não conseguem ou não querem se libertar (talvez pelos interesses de inserção e adequação na lógica e significado social posto, ao invés de se buscar desvendá-lo e transformá-lo por fora também da sala de aula). A sala de aula

<sup>12</sup> Relatos em entrevista realizada no dia 29/05/98 com o Prof. Douglas Santos, docente do Departamento de Geografia da PUC-SP, nas dependências da FCT/UNESP, Presidente Prudente/SP.

e a faculdade possuem significados diferenciados para homens diferenciados. O território onde se localiza esta instituição faz parte do exercício de poder estatal, cooptado por uma lógica privada. Cabe aos alunos tornarem-se "as moscas da sopa" desta lógica colocada.

Historicamente o espaço, estendendo-se ainda nos dias de hoje, foi/é considerado pelos geógrafos como um "palco" de atos e objetos, como um receptáculo que nos envolve e mantém. Estava, assim, o espaço correlacionado a uma fisicidade que escaparia à percepção dada a magnitude geometricamente escalar que representava, uma totalidade (fragmentos territoriais mecanicamente articulados) que compreenderia e que fugiria ao lugar. Sendo assim, considerado (conceito) como etéreo, inapreensível e dispensável à compreensão da realidade<sup>13</sup>.

Se conforme Douglas Santos "... o espaço é a dimensão em que o movimento assume formas" (Ibidem) seu entendimento deve ser formulado na apreensão dos referenciais norteadores da contraditória dinâmica social modeladora, exclusora e criadora de novas paisagens, o que significa embrenharmos no processo constituinte, acompanharmos, em pensamento, seu movimento e apreendermos sua aparente e até harmônica unidade, que apenas a paisagem de conflitos, condições/contradições internas combinadas e impostas por atores sociais hegemônicos que comandam, dimensionam e perpetuam tal processo. De acordo com Marx "tudo que é sólido desmancha no ar" (apud Ridenti, 1998, p. 187), ou seja, tudo que é forma nada mais é que a manifestação provisória de um movimento incessante e contraditório. Entender sua essência torna-se, portanto, deveras, fundamental.

##### 5. Algumas considerações finais...

Dentro do processo incessante de busca de um aprofundamento teórico-conceitual, podemos concluir que já cristalizamos alguns passos, muitos outros ainda devem ser traçados, já que o movimento dialético do pensamento é um constante devir. A paisagem e o espaço geográfico nesse trabalho foram compreendidos como momentos/níveis de abstração e compreensão da totalidade social concreta, o que significa que a essência que evidencia o ordenamento espacial da sociedade é a essência do próprio

<sup>13</sup> Em entrevista realizada com o Prof. Márcio Antônio Teixeira, este afirmou que o espaço é etéreo. Que pelo espaço fica muito difícil de possibilitar contornos, não tendo jeito de falar dos espaços das cidades. Para o futuro o espaço poderá ser usado, mas hoje o conceito de espaço não tem importância.

movimento da sociedade e suas contradições. O espaço geográfico e a paisagem foram correlacionados às categorias essência e aparência, sendo a paisagem entendida como uma dimensão perceptível, imediata, captada e fixada na relação dialética sujeito-objeto e o espaço geográfico como a essência, manifestada na unicidade dos lugares, do movimento que explicita a forma que se expressa na dimensão observável.

Tal problemática é de fundamental importância para o aguçamento do debate na temática geográfica, já que o rigor conceitual é a linguagem pelo qual o pensamento se estrutura e estende-se na forma de discurso, portanto acreditamos aqui estarmos fornecendo uma contribuição para repensar tais conceitos, visando, por meio da propagação de tais idéias, contribuir para professores, alunos e demais interessados na temática afim.

##### Bibliografia

- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Geografia Política e desenvolvimento sustentável. *Terra Livre. Geografia, Política e Cidadania*. AGB: São Paulo, n. 11-12, 1996.
- KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 13-64 e 215-248.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1997.
- LEFEBVRE, Henri. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1979.
- MARX, Karl. "Manuscritos econômicos e filosóficos". In: MARX, K. *Conceito marxista de homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O manifesto comunista*. São Paulo: Alpha-Ômega [s.d.] (Textos escolhidos).
- \_\_\_\_\_. *Para a crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril, 1982, p. VII-XXIII.
- MOREIRA, Ruy. *A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, n. 16, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Da região à rede e ao lugar (a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo)*. *Ciência Geográfica*. AGB: Bauru, n. 6, 1995.

- \_\_\_\_\_. *O círculo e a espiral. A crise paradigmática do mundo moderno*.  
\_\_\_\_\_. *O discurso do avesso*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1988.  
\_\_\_\_\_. O tempo de a forma. Espaço do Geógrafo. AGB: Bauru, n. 2,3,4, 1996.
- PEREIRA, Diamantino. *Origens e consolidação da tradição didática na Geografia escolar brasileira*. São Paulo: USP, 1989 (Dissertação de Mestrado).
- RIDENTI, M. "O sucesso no Brasil da leitura do Manifesto Comunista feita por Marshall Berman". In: *O Manifesto comunista 150 anos depois*. São Paulo: Contraponto, 1998, p. 187-207.
- ROCHA, G. O. R. Ensino de Geografia e a formação do geógrafo-educador. *Terra Livre*. AGB: São Paulo, n. 11-12, 1996.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996a.
- \_\_\_\_\_. "Uma necessidade epistemológica: a distinção entre paisagem e espaço". In: SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996b, p. 81-88.
- SMITH, Neil. *O desenvolvimento desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.